

foram positivas em 78,00% (n = 39/50). O rendimento das culturas de espécimes obtidos nas biópsias percutâneas guiadas por tomografia computadorizada mostraram-se equiparáveis às amostras a céu aberto (73,33% versus 88,24%, respectivamente; p = 0,2706), enquanto que a análise de um número maior de fragmentos ósseos foi associado a uma maior positividade na pesquisa microbiológica (p = 0,0375). Não foi observada influência do uso prévio de antimicrobiano no isolamento do agente etiológico (p = 0,4911). Fatores associados à EP causada por bactérias multirresistentes (n = 10/41; 24,39%) incluíram alcoolismo (p = 0,0308), hospitalizações anteriores (p = 0,0216) e cirurgia geral recente (p = 0,0499).

Conclusões: As culturas de biópsia espinhal percutânea mostraram bom desempenho no isolamento do agente etiológico. O número relevante de EP causada por bactérias multirresistentes, principalmente em pacientes com cirurgias ou hospitalizações prévias, enfatiza a importância da confirmação etiológica para orientar o uso adequado da terapia antimicrobiana.

<https://doi.org/10.1016/j.bjid.2021.102175>

PI 180

DISTRIBUIÇÃO TERRITORIAL DE HANSENÍASE NO BRASIL ENTRE 2010 E 2019: UM ESTUDO EPIDEMIOLÓGICO

Giovanna Panegassi Peres,
Beatriz Camargo Gazzi,
Júlia de Moraes Marciano,
Maria Stella Amorim da Costa Zöllner

Universidade de Taubaté (UNITAU), Taubaté, SP, Brasil

O Brasil é o segundo país com mais casos de Hanseníase por habitantes no mundo. Isso configura uma grave questão de saúde pública, tendo em vista o crescimento preponderante do número de casos, em contrafluxo com o comportamento internacional, de redução de incidência dessa doença. Isso se deve ao fato dessa ser uma patologia multifatorial, influenciada por questões ambientais e socioeconômicas, sendo a ausência de políticas públicas determinantes do aumento de sua propagação. Assim, propõe-se analisar a distribuição territorial e a incidência de casos novos de Hanseníase em todo o Brasil, enfatizando as macrorregiões. Trata-se de um estudo epidemiológico descritivo observacional, baseado em dados provenientes dos Boletins Epidemiológicos da Secretaria de Vigilância em Saúde, entre 2010 e 2019. Cabe salientar que foram calculadas incidências médias, mediante dados desses anos. No Brasil, no período averiguado, detectaram-se 301.638 casos novos de Hanseníase, caracterizando uma média das incidências de 14,9 casos a cada 100 mil habitantes. Quando investigado o cenário nas macrorregiões, constatam-se números elevados no Nordeste, uma vez que corresponde a 128.276 casos do total. Ademais, Norte e Centro-Oeste se destacam quanto à média das taxas de detecção geral, com 34,6 e 38,8/100 mil, respectivamente. O mesmo coeficiente por estado evidencia que Tocantins, Maranhão e Mato Grosso

retratam conjunturas mais preocupantes, com taxas de prevalência de 78,5, 51,3 e 96,5 nessa devida ordem, sendo destaque Mato Grosso, com o maior índice do país. Por fim, comprovando a heterogeneidade brasileira, exibem os menores coeficientes as regiões Sul e Sudeste, com ênfase no Estado de São Paulo que apesar de ser o mais populoso, entre 2010 e 2019, expõe incidência de 3,2, e também o Rio Grande do Sul, cujos índices são os menores do país, com a média de 1,1/100 mil habitantes. Em suma, atesta-se a prevalência da Hanseníase em território nacional, sendo sua distribuição heterogênea, ao passo que algumas regiões são severamente acometidas, Nordeste, Norte e Centro-oeste, enquanto as demais permanecem estabilizadas. Esse comportamento se deve a vários fatores, como a ausência de políticas públicas para a demanda local e também desigualdades socioeconômicas no território brasileiro. Portanto, para que a meta de eliminação seja atingida, demanda-se tanto de políticas direcionadas, quanto do rastreamento e diagnóstico precoces, reduzindo, conseqüentemente, sua transmissibilidade.

<https://doi.org/10.1016/j.bjid.2021.102176>

PI 181

EMBOLIA ESPLÊNICA NA ENDOCARDITE INFECCIOSA: REVISÃO SISTEMÁTICA DA LITERATURA COM ÊNFASE EM DIAGNÓSTICO RADIOLÓGICO E HISTOPATOLÓGICO

Gabriel Santiago Moreira ^a,
Isabella Braga Tinoco da Silva ^a,
Cynthia Mendes Aguiar ^b,
Francijane Oliveira da Conceição ^b,
Rafael Quaresma Garrido ^b, Bruno Zappa ^b,
Giovanna Ferraiuoli Barbosa ^b, Clara Weksler ^b,
Wilma Félix Golebiovski ^b,
Cristiane da Cruz Lamas ^b

^a *Universidade do Grande Rio (UNIGRANRIO), Duque de Caxias, RJ, Brasil*

^b *Instituto Nacional de Cardiologia, Rio de Janeiro, RJ, Brasil*

Introdução: A Endocardite Infecciosa (EI) é uma doença de elevada morbimortalidade que decorre da infecção do endocárdio caracterizada por febre, sopro e embolização para diversos órgãos. Sua expressão patológica mais frequente são as vegetações, de onde se desprendem êmbolos. A literatura mostra que a embolia esplênica ocorre em cerca de 1/3 das EI esquerdas.

Objetivos: Realizar revisão sistemática da literatura sobre aspectos radiológicos e histopatológicos da embolia esplênica na EI. Métodos: As palavras-chave “Endocarditis”, “Spleen”, “Splenic emboli”, “Splenic embolism”, “Embolism”, “Tomography”, “Imaging”, “Pathology”, “Histopathology”, “Positron Emission Tomography”, “Computed Tomography” e equivalentes em português foram utilizadas no Embase, PubMed, Bireme e Scielo, no período de 01 janeiro de 2000 a 09 de março de 2021, de publicações em inglês ou português, em adultos. Critérios de exclusão: revisões não sistemáticas,